

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA/UNIACADEMIA  
ALICE MOREIRA COUTO**

**MULHERES X SEXISMO: A CREDIBILIDADE FEMININA NO JORNALISMO  
ESPORTIVO**

Juiz de Fora  
2020

**ALICE MOREIRA COUTO**

**MULHERES X SEXISMO: A CREDIBILIDADE FEMININA NO JORNALISMO  
ESPORTIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro Universitário  
Academia/UniAcademia como requisito  
principal para a conclusão do Curso de  
Graduação em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Ms. Gilze Freitas Bara

Juiz de Fora  
2020

COUTO, Alice Moreira. Mulheres x Sexismo: a credibilidade feminina no jornalismo esportivo. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso Graduação em Jornalismo do Centro Universitário Academia/UniAcademia, realizado no 2º semestre de 2020.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Gilze Freitas Bara  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Marise Baesso Tristão  
Membro convidado 1

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Gleice Lisboa Marques  
Membro convidado 2

Examinado(a) em: 01/12/2020

Conceito: \_\_\_\_\_



## Mulheres x Sexismo: a credibilidade feminina no jornalismo esportivo<sup>1</sup>

Alice Moreira COUTO<sup>2</sup>

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

Prof<sup>a</sup> Ms. Gilze Freitas BARA<sup>3</sup>

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

O jornalismo esportivo no Brasil tem sua história marcada por uma forte predominância masculina. Nessa conjuntura, uma jornalista, ao ingressar neste universo, passa a estar submetida a acontecimentos decorrentes de séculos de uma sociedade patriarcal, que refletem diretamente no esporte. Além de sofrer com práticas sexistas de diferentes magnitudes, uma mulher que se propõe a ser jornalista esportiva está sujeita a ter questionada sua credibilidade profissional, seja nas redações, na relação com seus superiores na empresa em que trabalha e, principalmente, com a audiência. Essa perda de confiabilidade pode ser explicada com as teorias feministas que dissertam sobre a mulher no mercado de trabalho. Este trabalho visa a relacionar o cotidiano dessas profissionais às teorias feministas das chamadas Terceira e Quarta Ondas do feminismo.

**Palavras-Chave:** Jornalismo. Esporte. Feminismo. Credibilidade. Jornalistas esportivas.

### 1 INTRODUÇÃO

A palavra credibilidade, segundo o dicionário Aurélio 2020<sup>4</sup>, significa uma particularidade daquilo que é crível, ou seja, tem credibilidade aquele que é confiável. No jornalismo, a credibilidade de um profissional se dá por, entre outras características, possuir uma bagagem de conhecimento acerca de um tema. Para noticiar, fazer análises ou comentar com propriedade um acontecimento, o jornalista deve ter conhecimento prévio e um histórico de ética na profissão.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Academia/UniAcademia como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Jornalismo pelo Centro Universitário Academia/UniAcademia.

<sup>3</sup> Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Academia/UniAcademia e orientadora desta pesquisa.

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.dicio.com.br/credibilidade/> Acesso em 14/11/2020.

Todavia, o conceito de credibilidade para profissionais mulheres não parte apenas de seu histórico intelectual e profissional. O sexismo<sup>5</sup> cotidiano, consequente de centenas de anos de valores patriarcais, faz com que a sociedade questione a confiabilidade do trabalho de mulheres em diversas áreas. No jornalismo, muitas vezes as profissionais têm dificuldade em validar os fatos apurados, suas opiniões e críticas em um meio a uma maioria masculina.

No jornalismo esportivo, tradicionalmente ocupado por homens, a participação crescente das mulheres é resultado de um conflito de décadas dos ideais feministas contra o padrão masculino pré-estabelecido no mercado de trabalho. A jornalista que deseja se especializar na área esportiva atravessa um caminho muito mais complexo para conquistar seus objetivos por ser mulher. Seu histórico profissional passa a ser motivo de dúvida, tal como a credibilidade de seu trabalho, por mais fidedigno que este seja.

Este trabalho tem a finalidade de observar, através da história e da ótica feministas, o jornalismo esportivo no Brasil e a inserção da mulher nesse meio historicamente demarcado pela presença masculina. Por meio da análise de quatro fragmentos capturados do jornalismo esportivo brasileiro, foi possível perceber como é colocada em xeque a credibilidade da mulher que trabalha nesse meio e compará-la com a fidedignidade conferida à figura masculina no ambiente esportivo. Para complementar esta pesquisa, ouvimos seis jornalistas esportivas, com diferentes atuações no ramo, sobre suas vivências e experiências na área.

## **2 O FEMINISMO E SUAS ONDAS**

Feminismo é o termo geral que nomeia a luta por igualdade entre os gêneros nos âmbitos político, econômico e social. Todas as vertentes do movimento feminista têm por objetivo combater pré-conceitos de sociedades historicamente patriarcais (MCCAN, 2019). Ainda segundo McCan (2019), pela narrativa ocidental, o feminismo teve seu início na Inglaterra do século XVIII, quando a escritora Mary Astell, em seu livro *Algumas reflexões sobre casamento*, argumentou que Deus criou homens e

---

<sup>5</sup> Segundo o dicionário Aurélio (2020), sexismo é “atitude, discurso ou comportamento, que se baseia no preconceito e na discriminação sexual”. Disponível em <https://www.dicio.com.br/sexismo/> Acesso em 22/11/2020.

mulheres com almas igualmente inteligentes. Pela obra, Astell recebeu o título de Primeira feminista inglesa.

A dominação masculina está enraizada no sistema patriarcal, que esteve na base da maior parte das sociedades humanas por séculos. O sistema patriarcal nasceu no momento em que as sociedades se tornaram mais complexas, passando a exigir mais regulação, e os homens criaram instituições que reforçavam seu poder e infligiam opressão às mulheres. (MCCAN, 2019, p. 14)

Devido ao início do feminismo como conceito ideológico e sua propagação inicial se darem na Europa, o movimento ganhou características próprias, ao longo da história, em diversas regiões do mundo. O impacto dos ideais feministas dá-se de muitas maneiras diferentes ao redor do planeta. Por essa razão, o movimento não é contado de modo linear pelos teóricos. O feminismo é dividido em fases, nomeadas ondas, e cada uma delas representa as pautas principais do movimento em determinado espaço histórico e geográfico. Heloísa Buarque de Holanda (2019) argumenta que a coexistência de muitos pensamentos sobre a questão do gênero pode tornar-se um fator complicador para a compreensão total do movimento. Ela afirma ser essa a razão da escolha geograficamente plural de artigos na publicação *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*.

A Primeira Onda ocorreu no século XIX e invadiu os primeiros anos do século XX. Mulheres europeias, especialmente britânicas, e mulheres de algumas áreas dos Estados Unidos passaram a se organizar em torno da luta contra a objetificação feminina, os casamentos arranjados, a desigualdade salarial e o posicionamento social. O maior símbolo desse período foi o movimento sufragista inglês, que brigava por direitos políticos iguais, especialmente o voto, que só foi permitido às mulheres britânicas em 1918. Essa foi a mais duradoura das ondas, por se tratar de uma quebra significativa de padrões históricos – o que acontecia pela primeira vez. “Aos poucos as mulheres começaram a se reunir para exigir direitos iguais na lei, na educação, no emprego e na política.” (MCCAN, 2019, p. 44).

Por definição, a Segunda Onda se deu entre as décadas 1960 e 1980. Apesar de ainda muito marginalizado culturalmente, o feminismo já era considerado um movimento filosófico e intelectual. Com alguns direitos conquistados, o feminismo contava com intelectuais e figuras modelo. A jornalista estadunidense Carol Hanisch,

integrante do movimento, criou o slogan “o pessoal é político”, principal frase desse período. (FRANCHINI, 2019)

A Segunda Onda partiu do princípio das diferenças culturais impostas entre homens e mulheres e evoluiu juntamente com a ciência ao longo dos anos. A criação da pílula anticoncepcional proporcionou o ideal de libertação dos corpos e uma noção de independência. O movimento, já global, contou com diferentes áreas de conhecimento e formação de intelectuais em todo o mundo, com a problematização do sexismo na mídia e a incorporação de pautas sociais ao feminismo, criando diferentes vertentes do movimento, como afirma McCan (2019, p. 112):

Essa segunda onda via a posição das mulheres em relação aos homens tanto diferente como desigual e analisava todos os aspectos da sociedade, incluindo sexualidade, religião e poder, redefinindo esses aspectos em relação à opressão às mulheres.

A francesa Simone de Beauvoir, teórica do feminismo e também do existencialismo, e a estadunidense Angela Davis, que tomou a frente do Feminismo Negro, são exemplos de expoentes da Segunda Onda (MCCAN, 2019).

A partir da década de 1990, iniciou-se a Terceira Onda do Feminismo, marcada por questionamentos sobre o conceito de feminilidade e padrões de beleza. Esse período foi caracterizado por um constante esforço de desconstrução do ideal feminino e suas funções, além da luta pela não violência contra a mulher. A estadunidense Naomi Wolf publicou o livro *O Mito da Beleza*, questionando os padrões pré-estabelecidos culturalmente para que uma mulher seja supostamente aceita socialmente. No Brasil, o movimento estava intimamente ligado às denúncias de violência doméstica, com destaque para a farmacêutica Maria da Penha<sup>6</sup> e a criação da primeira Delegacia da Mulher no país. Franchini (2017) descreve a Terceira Onda como aquela que não acredita em conceitos pré-estabelecidos:

---

<sup>6</sup> Maria da Penha Fernandes, farmacêutica natural de Fortaleza, Ceará, foi vítima de duas tentativas de homicídio pelo então marido Marco Antônio Heredia Viveiros na década de 1980. Durante quase 20 anos, ela dedicou-se a lutar pela condenação do ex-marido, que chegou a ser preso, mas por pouco tempo. O caso da brasileira tornou-se famoso mundialmente quando Maria da Penha publicou o livro “Sobrevivi... Posso Contar” em 1994. Em 2001, a Organização das Nações Unidas (ONU) condenou o Brasil por negligência ao caso. Em 2006, foi sancionada, pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, a lei 11.340, “Lei Maria da Penha”, que tornou crime a violência doméstica. Maria da Penha é, hoje, embaixadora mundial do combate à violência contra a mulher. Disponível em <https://catracalivre.com.br/cidadania/maria-da-penha-uma-mulher-que-sobreviveu-na-luta/> Acesso em 13/11/2020

Se a segunda onda tinha como proposta teórica o entendimento das estruturas que oprimiam as mulheres, assim como suas origens e as relações de poder intrínsecas a essas estruturas e instituições; a terceira onda nesse sentido é pós-estruturalista e não acredita em significados fixos ou intrínsecos a palavras, símbolos ou instituições, buscando, antes, estudar performances dentro de contingências. Tanto gênero quanto categorias biológicas, portanto, por exemplo, seriam construções sociais, pois fruto de ciências enviesadas pelo olhar masculino. (FRANCHINI, 2017, s/p)

Pesquisadoras de todo o mundo defendem que, devido às redes sociais e à tecnologia que permite a globalização, o planeta vive, desde o ano de 2008, a chamada Quarta Onda. O resgate e a propagação das três ondas anteriores são constantemente revisados, além de questionar o assédio sexual, a manutenção dos padrões sexistas em relações profissionais e sociais e problematizar situações cotidianas que denotam o machismo. O mundo midiático, as celebridades e as influenciadoras digitais abriram espaço para a pauta feminista, e ela se encontra presente no cinema, na música, na arte em geral e já é parte fundamental na educação de muitas crianças. (BATES, 2014)

Neste trabalho, a Terceira e a Quarta ondas serão o ponto principal de análise do sexismo presente no universo do jornalismo esportivo e suas manifestações.

### **3 O JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER**

Até o fim do século XIX, os jornais veiculavam o conteúdo de esportes com notícias de turfe, críquete, ciclismo e remo. O setor de esportes no jornalismo brasileiro era muito limitado. Com a chegada de entusiastas do futebol na elite brasileira, como Charles Miller e o jornalista Mário Cardim, o futebol foi, aos poucos, aparecendo nos periódicos, e o jornalismo esportivo – em geral – começou a ser de interesse dos brasileiros, como explica André Ribeiro (2007, p. 26):

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com “O Atleta”, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circulavam “O Sport” e “O Sportsman”. Em 1891, surgiu em São Paulo “A Platea Sportiva”, um suplemento de “A Platea”, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista “O Sport” e o jornal “Gazeta Sportiva” (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade; apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo.



Na primeira década do século XX, ainda segundo Ribeiro (2007, p. 32), “noticiar futebol não era mais o acaso, era obrigação”. Figuras públicas como escritores renomados e até mesmo o então presidente da República, Afonso Penna, passaram a frequentar as partidas. A imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo acompanhava o surgimento exponencial dos clubes e passou a rivalizar os melhores times do país.

O jornalismo esportivo chegou às rádios brasileiras, inicialmente levando notícias de jogos, mas logo transmitindo partidas inteiras e consagrando grandes nomes na história do esporte e do rádio, como Oduvaldo Cozzi e Léo Batista (RIBEIRO, 2007). Os principais narradores de futebol recebiam altas propostas de rádios concorrentes no Rio e em São Paulo e passaram por várias emissoras ao longo de suas carreiras.

Rádio e esporte, mais especificamente rádio e futebol, andam juntos desde a primeira transmissão de uma partida inteira de que se tem notícia (Sabe-se que inicialmente e tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, trechos eram narrados durante a programação normal das emissoras). (UNZELTE, 2009, p. 64)

Além de conquistar as emissoras radiofônicas, o esporte ganhou, também, a televisão. O jornalista esportivo Alberto Léo (2017) afirma que o esporte é um dos grandes responsáveis pela ascensão da TV no Brasil. Os eventos televisionados, como a Copa do Mundo (inicialmente em gravações exibidas posteriormente aos jogos e, mais tarde, ao vivo), fizeram com que a população brasileira se interessasse em comprar televisores para acompanhar as partidas. Ainda segundo Alberto Léo (2017), a televisão movimentou ainda mais o mercado financeiro esportivo, com o pagamento de direitos de transmissão e as primeiras formações de *pools* de emissoras para distribuir imagens de competições.

Inspirada em debates políticos, foi lançada, em 1963, a primeira mesa redonda de futebol do Brasil. A Grande Resenha Esportiva Facit, transmitida inicialmente pela TV Rio e depois pela TV Globo, ainda hoje serve de inspiração para os programas de debate esportivo. A mesa redonda era patrocinada pela empresa Facit, responsável pela fabricação de máquinas de escrever, e logo teve seu formato copiado para São Paulo. O programa consistia em um debate entre comentaristas torcedores dos quatro principais times cariocas (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco) e um mediador. Sua versão mais famosa contava com a presença do botafoguense João Saldanha, o cronista Nelson Rodrigues, torcedor do Fluminense, o flamenguista José

Maria Scassa e o vascaíno Vitorino Vieira, além de Armando Nogueira, do ex-jogador Ademir e do apresentador Luiz Mendes. (LÉO, 2017)

Em 1970, o tricampeonato de futebol do Brasil seria o primeiro mundial a ser transmitido ao vivo para televisores de todo o país. As imagens, diretamente do México, enfatizaram ainda mais o nacionalismo do país em Copas do Mundo, como informa Alberto Léo (2017, p. 126):

Na hora da estréia, às 19 horas de Brasília, o país parou. Noventa milhões de torcedores, à beira de um ataque de nervos, tomaram um grande susto. Aos 12 minutos do primeiro tempo, o eslovaco Petras fez 1 a 0, ajoelhou-se no chão e benzeu-se. Ainda bem que a agonia da torcida do Brasil não durou muito tempo.

O universo do jornalismo esportivo foi, durante muitos anos, e ainda é predominante masculino. De acordo com Ribeiro (2007), um grande marco da presença feminina no jornalismo esportivo foi a Rádio Mulher, que, em 1970, montou uma equipe esportiva totalmente feminina. Até então, eram muito raras as aparições de mulheres na editoria de esportes, seja no jornalismo impresso, no rádio ou na televisão:

O dono da Rádio Mulher, Roberto Montoro, decidiu criar uma equipe esportiva formada exclusivamente por mulheres. A proposta era inovadora, mas o preconceito por parte dos homens da imprensa era escancarado. Só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias, os comentários por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos – que também era juíza –; na reportagem, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral. (RIBEIRO, 2007, p. 220-221)

Ainda de acordo com Ribeiro (2007), a equipe se manteve no ar por cinco anos, apesar de sofrer muito preconceito masculino – ouvintes, jornalistas e jogadores. Após esse período, nenhuma das jornalistas seguiu na área esportiva, porque, além da desmotivação, a diretoria da rádio achou que faltava uma opinião masculina na equipe.

Na Copa do Mundo de 1978, na Argentina, a repórter Maria Luiza, da TV Globo, foi a primeira mulher a aparecer em uma cobertura televisionada de um campeonato mundial de futebol. Em entrevista concedida a Alberto Léo (2017, p. 186-187), Maria Luiza contou que foi muito assediada por profissionais de vários países, que chegaram a lhe questionar, enquanto ela entrevistava jogadores do Irã, por que mulheres faziam

aquele trabalho. A presença de Maria Luiza na cobertura da Copa de 1978 virou até reportagem de um programa argentino durante o mundial:

[...] Num domingo à noite, durante a Copa, eu cheguei ao hotel cansada e encontrei uma equipe de reportagem me esperando. Eles faziam um programa de variedades na televisão local e queriam que eu fosse dar uma entrevista ao vivo. A Globo já tinha autorizado com a condição de que eu falasse só em português, fosse uniformizada e que o narrador Tércio de Lima me acompanhasse. Fomos e eu tive de falar dos jogos, do meu dia a dia, se meu pai tinha deixado eu ser repórter, se eu não tinha namorado, porque eu tinha escolhido uma profissão tão pouco feminina, quem era meu cabelereiro etc.[...] (MARIA LUIZA in LÉO, 2017, p. 186-187)

A primeira mulher a apresentar um programa de debate esportivo na televisão brasileira foi a apresentadora e ex-Miss Brasil 1999, Renata Fan, que comanda o **Jogo Aberto**, na Band, desde 2007.

Paulo Vinicius Coelho (2003) salienta que ainda não há um índice similar de mulheres e homens na redação brasileira, mas esta é uma realidade que está em constante transformação com o passar dos anos. O autor aponta o preconceito e a pouca credibilidade conferida às mulheres como um dos grandes impedidores desse crescimento:

Mas é sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes. [...] Há colunistas, comentaristas, repórteres, jornalistas de todas as áreas que se arvoram no direito de falar, sobretudo, de futebol, apenas pelo fato de terem um dia se sentado em arquibancada. Ou pelo simples fato de terem sido jogadores de futebol. (COELHO, 2003, p. 35)

Para a teórica feminista Naomi Wolf (1992), a cada obstáculo vencido pelas mulheres no mercado de trabalho, maior a exigência de um padrão de beleza a ser seguido. Wolf (1992) afirma que, à medida que as mulheres se libertam da mística do feminino doméstico, o ideal da beleza se torna uma obrigação para muitas, fazendo um papel de controle social sexista na sociedade.

Rebecca Solnit (2014) pontua que a luta feminina na conquista de espaços antes ocupados exclusivamente por homens pode ser uma batalha sombria e intimidadora: “[...] a extremidade mais estreita da cunha que abre espaço para os homens e fecha o espaço para as mulheres – espaço para falar, para ser ouvida, para ter direitos, participar, ser respeitada, ser um humano pleno e livre.” (SOLNIT, 2014, p. 27) A autora defende que a presença da mulher em campos antes restritos é um direito vital.

## 4 A CREDIBILIDADE EM XEQUE X A CREDIBILIDADE EM CAMPO

Para a realização da nossa pesquisa empírica, analisamos quatro vídeos e entrevistamos seis jornalistas mulheres que atuaram ou atuam no campo esportivo. Os vídeos selecionados foram extraídos de programas televisivos de debate esportivo. Em cada um dos fragmentos, há situações em que a profissional presente tem sua credibilidade colocada em xeque, de diferentes maneiras, justamente por ser mulher. Posteriormente, seis jornalistas esportivas contam suas vivências na área. As profissionais que contribuíram com depoimentos têm representatividade regional, estadual e nacional.

### 4.1 ANÁLISE DOS VÍDEOS: MACHISMO E OBJETIFICAÇÃO DA MULHER

Para este estudo, foram selecionados quatro vídeos, representando quatro trechos de programas esportivos da televisão brasileira, sendo três da TV aberta<sup>7</sup> (Rede Bandeirantes) e um da televisão por assinatura<sup>8</sup> (SporTV, Globosat). Nos quatro fragmentos, será analisada a posição da mulher nas situações específicas.

O primeiro vídeo é um trecho do programa **Acabou a brincadeira**, do SporTV, exibido no dia 22 de novembro de 2019. Nele, em meio a um debate sobre a final da Copa Libertadores da América, a jornalista, comentarista esportiva e apresentadora Ana Thaís Matos é questionada sobre o enredo de uma telenovela. No vídeo aparecem os seguintes profissionais, além de Ana Thaís: Carlos Cereto, André Rizek e Aydano André Motta.

Às vésperas da final da Libertadores da América 2019, que foi decidida por Flamengo e River Plate em Lima, no Peru, o apresentador Carlos Cereto perguntou, por videoconferência, aos jornalistas convidados, se os mesmos concordavam com a máxima de que o Flamengo representaria o Brasil na competição. O primeiro a responder foi André Rizek, dizendo que discordava da afirmação. Em seguida, chegou a vez de Ana Thaís, única mulher presente, responder. Cereto interrompeu o assunto

---

<sup>7</sup> A televisão aberta é o nome popular para designar emissoras de televisão que têm o sinal aberto, gratuito. Constituem a TV aberta os canais que são captados pela antena sem cobrança de qualquer valor.

<sup>8</sup> A televisão por assinatura constitui uma variedade de canais de conteúdos exclusivos, pagos mensalmente pelo telespectador.

e perguntou à jornalista qual seria o desfecho da personagem interpretada pela atriz Paolla Oliveira no último capítulo da novela das 21 horas da Rede Globo, **A Dona do Pedaço**. Ana Thaís, visivelmente incomodada, mas mantendo a calma, respondeu que não sabia, pois estava acompanhando jogos recentes da equipe do River Plate (e não a novela), mas, em uma clara tentativa de amenizar o clima desagradável que se instaurou, acrescentou que gostava de novelas e que não tinha nada contra esse gênero. Cereto insistiu no assunto, oferecendo-se para pagar, para a jornalista, a assinatura da Globoplay, serviço de *streaming* do Grupo Globo, caso ela não tivesse acesso ao mesmo. Nesse momento, foi possível escutar apenas a voz de Ana Thaís dizendo que já era assinante da Globoplay, claramente em uma tentativa de encerrar o assunto.

Ao fazer a pergunta para Ana Thaís, Carlos Cereto passou um tempo dissertando sobre a telenovela com Aydano André Motta, e os dois comentaram sobre a beleza da atriz Paolla Oliveira, enquanto Ana Thaís ficava cada vez mais constrangida, aparecendo em destaque na tela do programa. Quando mostraram, em plano geral<sup>9</sup>, toda a composição da mesa redonda, foi possível visualizar o desconforto de Rizek, que tentou contornar a situação, dizendo “melhor não, hein?”, na tentativa de mudar de assunto, mas sem sucesso.

Também ficou clara a existência, entre os integrantes do programa, de certa apreensão a respeito da resposta que Ana Thaís daria, pois ficou explícito que a pergunta teve cunho machista. Afinal, por que, em uma discussão sobre futebol, perguntar para a única mulher presente como será o final da telenovela? Por que mulher não gosta de futebol? Por que só mulheres gostam de novelas? Por que mulheres não entendem de futebol e só entendem de novelas? É esta a mensagem que foi passada nas entrelinhas – e talvez até nas linhas do texto mesmo. E quando Cereto ofereceu para pagar a assinatura da Globoplay para Ana Thaís, mais uma vez foi machista, porque dá a entender que tem mais dinheiro que ela e que bancaria a despesa.

O segundo vídeo analisado é um trecho do programa **Jogo Aberto**, da Band, exibido em 14 de maio de 2019. Nele, a apresentadora Renata Fan palpita sobre a possível final da Copa Libertadores da América, ao lado de Denílson,

---

<sup>9</sup> Plano geral é um termo audiovisual para identificar o enquadramento aberto na filmagem. Nele, além da figura central a ser filmada, também aparece o entorno, o todo de um cenário ou uma imagem que represente o contexto geral do local filmado.

Ronaldo Giovanelli, Paulo Roberto Martins, Ulisses Costa e Heverton Guimarães. Definidos os confrontos das oitavas de final da Libertadores, a jornalista e apresentadora pediu aos integrantes do programa que sugerissem sobre possíveis duelos na final da competição. Cada um deu o seu prognóstico e, por fim, Renata surpreendeu ao dizer que a final seria entre Flamengo e River Plate, uma final completamente diferente das sugeridas pelos colegas. Sua indicação foi totalmente descartada pelos presentes.

O **Jogo Aberto** é um programa em que Renata Fan, na condição de única mulher e apresentadora, está sempre de pé, com maquiagem e figurino bem elaborados, enquanto os outros componentes estão sempre sentados de maneira casual e vestindo roupas descontraídas. Quando a apresentadora pergunta a cada um seu palpite, os homens presentes respondem com um ar de confiança e passam a discutir entre si. Quando Renata surpreende com uma ideia totalmente diferente, eles passam a questionar a opinião da jornalista, tratando sua opinião como a única supostamente fora da realidade. Ulisses Costa, inclusive, grita com Renata: “O Flamengo vai ganhar do Odair? O Abelão vai ganhar do Odair? Esquece!”, referindo-se a Odair Hellmann e a Abel Braga, que naquele momento treinavam o Internacional e o Flamengo, respectivamente. Ulisses Costa continua com os questionamentos: “Qual time é melhor? Cruzeiro ou Flamengo?” Renata Fan responde que o Flamengo está melhor na tabela do Campeonato Brasileiro e que, inclusive, havia vencido o Cruzeiro. Os integrantes do programa questionam, mais uma vez, a opinião da apresentadora. E, insatisfeito, Ulisses pergunta novamente: “Mas qual time é melhor?” E complementa, ainda aos gritos: “O Flamengo não aguenta o Internacional. Essa é minha opinião. Acabou.”

Esse vídeo teve forte repercussão na Internet às vésperas da final da Libertadores 2019, já que Renata Fan foi a única a acertar os times que disputariam a taça e sofreu ataques dos colegas ao dar o seu palpite. Como o programa é todo feito em um tom informal, Renata reagiu às provocações dizendo que, ao se tratar de futebol, ela usa a razão ao invés do coração. Mesmo assim, os presentes tentaram silenciá-la. Apesar de parecer contrariada, ela seguiu com o programa em tom descontraído. Se não fosse pelo palpite certo, o vídeo provavelmente não ganharia a repercussão que recebeu, pois situações como a descrita são relativamente comuns no programa. Fato é que os homens presentes deram suas opiniões e não foram

questionados, mas quando a apresentadora opinou, foi questionada, inclusive aos gritos, como se não entendesse de futebol e não soubesse o que estava falando.

Também é do programa **Jogo Aberto**, da Band, o terceiro vídeo analisado. Veiculado em 17 de abril de 2018, o trecho mostra a participação do então goleiro da seleção brasileira, Alisson Becker, no programa. Estão presentes no vídeo a apresentadora Renata Fan e o ex-jogador e comentarista Denílson, além da voz gravada do goleiro Alisson Becker. A produção do programa simulou uma ligação telefônica para Alisson, na época jogador da Roma, na Itália, e colocou no ar frases ditas pelo goleiro, como se ele estivesse conversando ao vivo com Renata e Denílson.

Quando Renata caminhou para atender ao telefone cenográfico, Denílson fez um comentário sobre a aparência da apresentadora, sugerindo que ela estava muito bonita naquele dia: “Renata, posso falar? Eu não sou de falar não, mas você está hoje... Jesus...”. Renata ignorou o comentário e atendeu ao telefone, parecendo feliz ao conversar com o goleiro Alisson. Entrou no ar uma fala de Alisson fazendo uma saudação ao programa, e Renata desligou o telefone cenográfico, alegando que a qualidade da chamada estava ruim. Denílson, então, perguntou: “Você desligou na cara do Alisson? Você está dando uma de difícil? Está dando uma de difícil?” O telefone tocou novamente, entrou mais uma frase gravada do goleiro e, em seguida, Denílson perguntou para Alisson: “O que você acha desse bombom?”, referindo-se a Renata. Foi colocada a seguinte frase de Alisson: “Um bombom gostoso”, deixando a apresentadora imediatamente sem graça. Renata simulou desligar o telefone cenográfico, em uma tentativa de encerrar o assunto. Ela tentou brincar com a situação, dizendo que a ligação não era para ela, e Denílson seguiu rindo da situação. A produção do programa colocou no ar, novamente, o som do telefone tocando e repetiu a fala de Alisson “um bombom gostoso”. Sorrindo, Renata bateu o gancho do telefone e disse que a situação lhe causaria problemas, referindo-se ao seu casamento. Imediatamente ela tentou mudar de assunto, começando a falar do time do Palmeiras.

No momento em que Denílson mudou o teor da ligação, objetificando Renata ao compará-la a um bombom, a apresentadora já mostrou um semblante de constrangimento, enquanto Denílson se divertia com a situação da colega. Além de desrespeitosa por si só, a situação fez com que Renata tentasse contornar os rumos da conversa simulada, uma vez que é casada e, assim, o desconforto foi dobrado. Apesar do constrangimento, a apresentadora manteve, por todo o tempo, o semblante

descontraído, como pede a linguagem do programa. Esse é mais um exemplo em que Renata Fan passou por uma saia justa e se viu sozinha, tanto em relação aos outros integrantes, quanto à produção do programa.

O quarto e último vídeo analisado também é um trecho de um programa da Band, mas, dessa vez, **Os Donos da Bola** exibido em 30 de janeiro de 2014. No vídeo, estão Fernanda Maia e Sandro Gama (apresentadores), além dos ex-jogadores Gérson, Edmundo, Dé Aranha e Téo José. Fernanda, na ocasião, estava usando um vestido verde, que foi alvo de comentários dos cinco homens presentes. Olhando Fernanda de cima até embaixo, o apresentador Sandro Gama comentou sobre o vestido dela e Gerson respondeu: “Se verde está assim, quando amadurecer... Por isso que cai! Por isso que cai!”. O comentário repercutiu entre os outros homens, que riram. Claramente constrangida, Fernanda tentou se esquivar do assunto e seguir com a sua função no programa, que é conversar sobre os temas discutidos e ler perguntas enviadas pelos telespectadores.

O formato do programa **Os Donos da Bola** é bem similar ao formato do **Jogo Aberto** em relação ao posicionamento da mulher apresentadora. Fernanda Maia estava usando um vestido justo e decotado, que ela ajeitava algumas vezes durante o programa, e uma sandália de salto alto. A apresentadora era a única que estava parcialmente de costas no plano geral do programa, ângulo que deixa mais visíveis seu corpo e sua silhueta, enquanto os outros participantes, mesmo o outro apresentador que estava de pé, trajavam roupas casuais e tinham postura informal. Durante as tentativas da jornalista de comentar os acontecimentos do esporte, ela foi constantemente interrompida pelos outros componentes, caracterizando as práticas de *mansplaining* e *manterrupting*<sup>10</sup>. Em um dos momentos em que tentava falar, Fernanda foi ironizada por sua escolha de palavras, que foi atribuída ao vocabulário feminino – como se houvesse um vocabulário feminino. Durante todo o vídeo, a apresentadora foi alvo de olhares insinuantes dos integrantes que estavam sentados, o que criou um ambiente ainda mais desagradável para a jornalista.

---

<sup>10</sup> *Mansplaining* é o termo designado para a ação masculina de explicar para a mulher algo que ela já sabe, julgando ter maior capacidade intelectual. Já *manterrupting* caracteriza a interrupção masculina na fala de uma mulher, visando a interferir desnecessariamente na fala. Disponível em <https://azmina.com.br/reportagens/mansplaining-e-manterrupting-o-que-e-e-de-onde-vem-os-terminos/> Acesso em 17/11/2020.



As situações descritas nos quatro vídeos analisados mostram a objetificação das mulheres jornalistas esportivas, assim como falas e práticas machistas. Tudo isso pode colocar em xeque a credibilidade das profissionais, que são reduzidas a objetos e estereotipadas. A seguir, vamos ouvir relatos e experiências de seis jornalistas esportivas.

## 4.2 DANDO VOZ ÀS JORNALISTAS ESPORTIVAS

Com o objetivo de complementar esta pesquisa empírica, foram entrevistadas<sup>11</sup> seis jornalistas mulheres com vivência na área esportiva em Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais e no Brasil. Em seus depoimentos, as profissionais responderam perguntas acerca do cotidiano em uma redação esportiva, dos desafios da cobertura esportiva e de seus efeitos na vida pessoal e profissional. As profissionais têm diferentes idades, assim como são diferentes as épocas em que atuaram como jornalistas esportivas: dos anos 1980 até o presente momento. São elas: Adriana Spinelli, primeira apresentadora mulher do **Globo Esporte** em Minas Gerais; Elisa Ladeira, atualmente integrante da equipe esportiva da Rádio Globo e apresentadora esportiva da TV Alterosa em Juiz de Fora; Fernanda Maia, apresentadora do **SBT Esporte Rio** e comentarista do programa **De Primeira**, na Rádio Mix Rio de Janeiro; Juliana Duarte, com passagens em vários veículos em Juiz de Fora; Marina Izidro, repórter da Rede Globo (hoje residente na Inglaterra); e Regina Campos, primeira jornalista esportiva do estado de Minas Gerais;

As seis entrevistadas deram respostas semelhantes em relação ao comportamento dos colegas homens de equipe. Todas afirmaram que não tiveram nenhum problema maior com os homens com quem trabalharam ou trabalham, mas, sim, com entrevistados, convidados e figuras externas ao ambiente diário das redações. Entretanto, todas disseram que sentem-se privilegiadas diante do contexto que conhecem referente à mulher no mercado esportivo. Marina Izidro ressaltou o fato de que as mulheres devem, na prática, se esforçar mais que os homens para que sejam, de fato, credenciadas como especialistas na área. Ela contou que, na Inglaterra, onde reside e leciona Jornalismo Esportivo na St. Mary's University, a situação é semelhante:

---

<sup>11</sup> As entrevistas foram publicadas no Blog Periodismo. Disponível em <https://periodismojornalismoonline.wordpress.com/2020/11/18/jornalistas-esportivas-e-o-sexismo/>

Não digo desvantagem, mas acredito que muitas jornalistas esportivas sentem que precisam se esforçar mais, estudar e trabalhar mais para provarem que têm a mesma capacidade profissional dos homens, principalmente na cobertura de futebol. Mas acho as redações no Brasil muito mais igualitárias em termos de números de profissionais mulheres, quando comparadas às de outros países, como, por exemplo, aqui na Inglaterra, onde há muito mais repórteres homens cobrindo esporte. (IZIDRO in BLOG PERIODISMO, 2020)

Com relação ao conceito de credibilidade no meio, Elisa Ladeira afirmou que a fidedignidade conferida aos homens na mesma função é nítida. Ela relatou já ter noticiado diversos furos de reportagens, mas que foram atribuídos aos colegas homens quando esses noticiavam fatos divulgados por ela. Fernanda Maia mencionou, algumas vezes, ao longo da entrevista, que se sentiu ocasionalmente ignorada por convidados homens que entrevistou durante a carreira. A jornalista carioca contou um episódio em que foi ignorada por um convidado especial na Rádio Mix, no qual percebeu certa intolerância exclusivamente atrelada à sua figura. Segundo a apresentadora, os colegas homens do programa também perceberam o mesmo e repudiaram a atitude do entrevistado:

Uma vez eu recebi na rádio um convidado, esse eu nunca mais me esqueço. Ele falava, todo mundo falava – são outros homens e eu sou a única mulher –, dava opinião. E quando eu abria a boca, sempre, ele tirava os olhos do debate, abaixava a cabeça e mexia no celular, como se tudo o que eu falasse fosse desimportante. Ele dizia com sua atitude: “sempre que essa mulher falar eu não vou falar”. Meus colegas perceberam isso e depois falaram “nunca mais volta aqui”. (MAIA in BLOG PERIODISMO, 2020)

Todas afirmaram, ao longo dos depoimentos, que as mulheres vêm conquistando espaço dentro das redações esportivas, mas com muita perseverança e habilidade para vencer as adversidades. Adriana Spinelli contou que, com muito diálogo, conseguiu a implantação de banheiros femininos nas salas de imprensa dos clubes mineiros. Ela mencionou também que, depois das partidas, sentia-se em grande desvantagem em relação aos repórteres homens, que podiam ter acesso ao vestiário:

Antigamente, os repórteres homens podiam entrar no vestiário assim que acabava o jogo. Pegavam depoimentos *calientes*, reações ainda quentes. Eu só podia gravar quando os jogadores deixavam o vestiário, de banho tomado e cabeça fria. Tanto briguei que um dia, acabei entrando com os jogadores no banho, pelados. Foi um constrangimento pra todos. E eu falei: ou entra todo mundo, ou não entra ninguém. Começaram então as coletivas pós-jogo. Para todo mundo. (SPINELLI in BLOG PERIODISMO, 2020)

Apenas Fernanda Maia e Marina Izidro disseram ter trabalhado com outras mulheres no cotidiano das redações esportivas. Juliana Duarte e Adriana Spinelli trabalharam com outras mulheres em poucas situações: Juliana na cobertura de pautas especiais e Adriana na TV Galo, do Clube Atlético Mineiro. Regina Campos e Elisa Ladeira vivenciaram a presença de outras jornalistas apenas em setores diferentes nas redações, nunca no esporte.

As respostas mais distintas entre si foram referentes à pergunta: “Você já foi constrangida no meio profissional por ser mulher?”. Regina Campos foi a única a responder que, apesar de constrangimentos em outras áreas, no esporte nunca foi colocada em uma situação embaraçosa. Juliana Duarte relatou que sentia-se desconfortável com olhares de jogadores e integrantes dos clubes. Adriana Spinelli e Fernanda Maia responderam à questão de forma breve, mas afirmando que viveram situações desagradáveis, porém sem relatar exemplos. Marina Izidro revelou já ter sido assediada por torcedores ou outras pessoas presentes, mas nunca pelos companheiros de redação. Elisa Ladeira explicou que sentia sua presença diminuída quando estava no ar. Apesar de estar presente, não sentia abertura para comentar ou participar mais ativamente do programa.

Com respostas em coletivas, “ah vou explicar de outro jeito para ela entender” e eu ter que dar uma resposta à altura também, para dar aquela cortada. No trabalho também. “Vai começar a equipe de esporte e a Elisa vai falar sobre as perguntas que as pessoas mandam, não vai falar diretamente de esporte”. Já passei muito por isso e infelizmente não foi a primeira e nem vai ser a última vez. (LADEIRA in BLOG PERIODISMO, 2020)

Fernanda Maia expôs uma situação desagradável que vivenciou ao vivo, mas que foi capaz de contornar e conquistar seu território.

Uma vez, com um grande treinador, eu fui entrevistá-lo e tinha uma pergunta mais capciosa para fazer, uma coisa polêmica, que não agradava, mas que era uma pergunta. E aí eu fiz e ele me deu um fora que foi “você tá me perguntando isso por quê? O que você entende de futebol?”. Eu não fui grosseira e eu quis levar ele no resto do programa. Durante o programa eu fui mostrando para ele o que eu sabia, argumentando, informando. No final do programa, ao vivo mesmo, ele falou “nossa, mas você sabe muito de futebol, caramba, que legal”. Eu consegui contornar ele no ar, mas nem sempre a gente consegue. E na hora dá uma raiva escutar isso. Alguns você consegue contornar, outros não. (MAIA in BLOG PERIODISMO, 2020)

A jornalista Regina Campos, hoje aposentada, trabalhou em diversas áreas: política, esporte, polícia, entre outras. Durante a entrevista, ela recordou que o esporte

foi a área em que menos teve problemas. Regina foi a primeira jornalista esportiva do estado de Minas Gerais e uma das pioneiras no Brasil. Mesmo afirmando que teve uma experiência sem grandes tumultos, ela admite se questionar, hoje, se realmente não existiram situações em que ela teria sido constrangida ou desfavorecida.

Regina Campos citou a diferença de gerações como um grande rompimento com práticas machistas. Segundo ela, o feminismo chegou à sua vida mais tarde do que para as gerações atuais, então muita coisa era tolerada e sequer questionada ou mesmo percebida. Todavia, ao discorrer sobre os anos em que esteve no jornalismo esportivo, Regina disse que passou a questionar o tratamento que recebia. Em seu depoimento, ela afirmou, diversas vezes, ter sido tratada com extremo cuidado e privilégios por ser a única mulher na equipe. E fez grandes amizades com membros dos clubes, jogadores e companheiros de imprensa de Juiz de Fora:

Eu fiquei pensando se não era um machismo ao contrário. Eu acho que, nesse caso, eu fui beneficiada sim, o tratamento de fato era diferente, eu era a única mulher no meio de 11 homens. Não me tratavam da mesma maneira. Não que os outros fossem desrespeitados, mas eu tinha prioridade na cobertura entre colegas. No próprio estádio a relação dos ouvintes comigo era mais uma relação de como se eu fosse uma curiosidade, como se eu fosse uma raridade. Eles me olhavam como uma pessoa diferente. Mas eu era muito nova, não me atentei para isso. Hoje, quando as pessoas me perguntam, que eu fico tentando buscar na minha memória como era a relação. E o que eu me lembro é uma relação de muito afeto. (CAMPOS in BLOG PERIODISMO, 2020)

Elisa Ladeira disse observar o progresso das mulheres com muita satisfação, mas reforçou que ainda há muito mais espaço que é necessário ocupar. Ao refletir sobre o assunto, ela acrescentou que o jornalismo esportivo é um dos muitos setores em que a mulher está ocupando espaços e se destacando com altivez:

Evoluímos muito, mas tem muito mais para evoluir. A mulher tem direito a votar há pouco tempo, teve que jogar futebol escondida até pouco tempo atrás. Começaram os times de futebol há pouco. A gente teve que praticamente forçar os times de futebol a terem um time feminino no ano passado, podendo sofrer sanções, etc. A gente do jornalismo não é diferente. A mulher no esporte tem essa dificuldade. A gente está chegando bem demais. A gente sofre no campo, em cabine, numa zona mista. É tudo questão de evolução das pessoas envolvidas nisso, porque estamos chegando. É necessário entender que a mulher entende do que ela quiser entender. (LADEIRA in BLOG PERIODISMO, 2020)

As seis jornalistas fecharam seus depoimentos ressaltando a importância da mulher no jornalismo esportivo, com a reflexão de que a mulher deve ocupar o espaço

que desejar, no esporte e em todas as demais áreas. Adriana Spinelli e Fernanda Maia levantaram também a questão de que uma mulher ocupando uma posição que confronta os papéis sociais pré-estabelecidos é algo a ser tratado cada vez com mais normalidade, posto que, apesar da necessidade de celebrar avanços, é preciso também fixar a ideia de que a mulher está ocupando uma área sua por direito, como qualquer outra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do encontro das teorias feministas presentes neste trabalho com a história do jornalismo esportivo no Brasil é possível notar que essas se sustentam. A inserção da mulher no meio, tal como os desdobramentos que levam à realidade vivida hoje, podem ser perfeitamente explicadas por conceitos e teorias feministas.

A teórica feminista Laura Bates (2019, p. 140-143) afirma que vivemos em uma sociedade em que a mídia é feita e controlada por homens em sua maioria e a luta das mulheres é diária para conquistar credibilidade e o direito de expressão, afastando-se dos costumes sexistas que a acompanham durante sua trajetória profissional. Vale, aqui, citar a campanha **Deixa ela trabalhar**, lançada em março de 2018, por 52 jornalistas esportivas, com objetivo de lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por elas nas redações, nas ruas e nos estádios<sup>12</sup>

É possível observar a transformação, ainda que lenta, das redações esportivas no Brasil. Mesmo que a figura feminina ainda seja desassociada do ideal de credibilidade para grande parte do público masculino, a presença de ao menos uma mulher já aparenta ser regra nos programas esportivos de maior audiência na televisão aberta e também nos canais fechados do Brasil.

Contudo, o machismo, a estereotipização, o confronto às jornalistas, o padrão de figurino e estética é uma realidade ainda muito presente nas emissoras. Esse fato pode ser notado pelas datas dos quatro vídeos analisados, sendo o mais antigo deles do ano de 2014. As entrevistas com as seis jornalistas foi de extrema relevância para esta pesquisa, posto que apresenta realidades vividas desde a década de 1980 até o presente momento.

---

<sup>12</sup> O vídeo da campanha **Deixa ela trabalhar** pode ser acessado em [https://www.youtube.com/watch?v=omrriFeCTLQ&ab\\_channel=FLATV](https://www.youtube.com/watch?v=omrriFeCTLQ&ab_channel=FLATV)

A vivência de cada jornalista entrevistada pode ser enquadrada em um dos contextos sexistas apresentados ao longo deste artigo. Desde a penosa luta para obter a credibilidade e o respeito no meio até a valorização extrema da profissional, que passa a ser alvo de curiosidade pública e é colocada no posto de fenômeno apenas por ser capacitada a fazer seu trabalho.

O estudo realizado incita a possibilidade de muitos outros ensaios acadêmicos acerca do tema. Ademais, fomenta uma discussão popular por se tratar de uma mudança que acontece no tempo presente e gera questionamento a todos. O jornalismo esportivo é apenas uma das muitas áreas nas quais a mulher passa a reivindicar espaço com as chamadas Terceira e Quarta ondas do feminismo. A luta feminista está em muitos momentos da história e, por isso, a importância de entendê-la, vivenciá-la e absorver o máximo de conhecimento durante as transformações provocadas por ela.

### ABSTRACT

Sports Journalism in Brazil has its history marked by a strong masculine presence. In this context, a female journalist starts to be subjected to some sexist events from the moment they start working. That is the result of centuries of patriarchal society, which stands out in the sports world. Besides the sexism present, women are more likely to have the credibility of their work contested. That happens in daily work, in the relationship with their superiors and mostly with the audience. That loss of confidence can be explained by the feminist theories that are focused in labor Market. This assignment has the goal to parallel the quotidian of the women in sports journalism with the feminist theories of the Third and Fourth Waves of Feminism.

**Keywords:** Journalism. Sports. Feminism. Credibility. Female sports journalist.

### REFERÊNCIAS

AUN, Heloisa. **Maria da Penha, uma mulher que sobreviveu na luta**. In: Catraca Livre, 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/maria-da-penha-uma-mulher-que-sobreviveu-na-luta/> Acesso em: (13/11/2020).

BATES, Laura. **Everyday Sexism**. Londres: Simon & Schuster UK Ltd, 2014.

**BLOG PERIODISMO**. Disponível em: [periodismojornalismoonline.wordpress.com](http://periodismojornalismoonline.wordpress.com)

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a/> Acesso em: (10/11/2020).

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Jornalistas Esportivas e o Sexismo. **Periodismo**. Juiz de Fora, 18 de dezembro de 2020. Disponível em:

<https://periodismojornalismoonline.wordpress.com/2020/11/18/jornalistas-esportivas-e-o-sexismo/> Acesso em: 18/11/2020.

LÉO, Alberto. **História do Jornalismo Esportivo na TV brasileira**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2017.

McCANN, Hannah et al. (col.). **O Livro do Feminismo**. Londres: Dorling Kindersley Limited, 2019. Tradução: Ana Rodrigues. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

REIF, Laura. **Macho palestrinha: entenda o que é mansplaining e manterrupting**. In: Revista AZMina. 21 de agosto de 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mansplaining-e-manterrupting-o-que-e-e-de-onde-vem-os-termos/> Acesso em: 17/11/2020.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SOLNIT, Rebecca. **Os Homens Explicam Tudo Para Mim**. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2017.

UNZELTE, Celso; **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**, v.4./ Celso Unzelte; Magaly Prado (org.). - São Paulo: Saraiva, 2009.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.